

28/3/99
312
F-18

A18 - O ESTADO DE S. PAULO - DOMINGO, 28 DE MARÇO DE 1999

SAÚDE

Falta de informação dissemina aids entre índios

Ministério da Saúde vai divulgar vídeos sobre prevenção nas comunidades

ROBERTA JANSEN

RIO – Os índios uaiapis, do Amapá, sempre ouviram dizer que aids é doença de homem branco. Evitando contato íntimo com mulheres brancas, acreditavam estar protegidos. Até que alguns deles conheceram uma bela índia em uma cidade próxima, se relacionaram sexualmente com ela e descobriram que a moça era portadora do HIV.

A falta de informação e o acesso restrito às campanhas educativas tornam os índios vulneráveis à doença: 30 já contraíram aids e 18 morreram, desde 1988, de acordo com registros do Ministério da Saúde. Há casos da doença em 17 das 215 tribos do País.

Para tentar driblar o problema, índios de dez diferentes grupos, com o apoio do Programa de Aids do ministério, estão lançando dois vídeos de prevenção voltados especialmente para as comunidades indígenas.

Falados em português e em diversas línguas indígenas, os vídeos são apresentados por índios e explicam a doença, as formas de contágio e a importância da prevenção. A história dos uaiapis está no vídeo, exemplo de como a falta de informação pode pôr os índios em risco. Mas o final acabou sendo feliz: os índios não contraíram o HIV.

A maior dificuldade dos realizadores do vídeo é fazer com que 323 mil pessoas, de 215 tribos diferentes, que falam 170 línguas e têm hábitos culturais, sociais e sexuais bastante diferenciados, entendam a doença da mesma maneira e aceitem as formas de prevenção: monogamia e uso de preservativo em caso de relações extraconjugais.

É bom lembrar que existem alguns grupos poligâmicos e outros, tão pequenos, que poderiam correr o risco de extinção ao usar o método contraceptivo, que nunca fez parte de sua cultura. "É complicado generalizar e partir do princípio que a maioria dos grupos é monogâmico, porque não há nenhum estudo sobre isso", critica a pesquisadora do Núcleo de História Indígena da

Universidade de São Paulo (USP) Juliana Rosalém, que participou da edição dos vídeos. "A verdade é que os padrões de sexualidade dos grupos não são conhecidos."

A antropóloga da USP Denise Fajardo também critica a orientação da fidelidade para os índios. "Os missionários fazem isso, mas não acho que caiba a um médico ou a um antropólogo", diz.

A recomendação do uso da camisinha como forma de prevenção também é criticada por algumas lideranças indígenas, que acham que a taxa de fecundidade de suas aldeias pode cair. Os avançoeiros, de Goiás, por exemplo, são um dos menores grupos, com

cerca de 30 integrantes.

O antropólogo e médico Marcos Pellegrini, da Fundação Nacional de Saúde (FNS), afasta o risco de queda das taxas de fecundidade.

"A maioria entende que a camisinha deve ser usada em relações extraconjugais", afirma.

PADRÕES
SEXUAIS
NÃO SÃO
CONHECIDOS

O coordenador do Programa de Aids do ministério, Pedro Chequer, reconhece que o problema é complexo. "Não queremos que a taxa de fecun-

didade entre os índios seja reduzida e também não pretendemos induzir tribos de cultura poligâmica a ter parceiros exclusivos", afirma. "Mas também não podemos deixar as aldeias serem dizimadas pela ai-

ds." Denise Fajardo admite que há momentos em que não se pode ter tantos cuidados, sob a pena de prejudicar a saúde da população. "São imposições dessa coisa horrível chamada aids", diz.

Para o médico e antropólogo Marcos Pellegrini, a cultura indígena não está ameaçada. "É preciso que eles entendam o mundo que os cerca para que possam interagir com ele e, aí sim, se preservar."

Os vídeos, que custaram R\$ 60 mil, foram realizados pela ONG Centro de Trabalho Indigenista (CTI), com o apoio do ministério e do Programa da Nações Unidas para o Controle Internacional das Drogas (UNDCP).

Os filmes destinam-se, especialmente, aos 2,6 mil agentes indígenas de saúde que trabalham com prevenção à aids nas diversas aldeias.



Vídeos explicam os modos de contágio e a importância da prevenção

Reprodução

28/3/99
312

A-18 cont

Principal forma de contágio é contato com não-índigenas

RIO – Antes de se casar com uma índia tiriô brasileira, um rapaz da mesma tribo foi a uma cidade próxima a sua aldeia, no Suriname, e manteve relações sexuais com prostitutas. Sem saber, contraiu o HIV e acabou contaminando a mulher. Ele morreu de aids e ela, já doente e com dois filhos sãos, voltou para sua aldeia, no Brasil. É principalmente por meio de pessoas que mantêm contato com populações não indígenas que a aids vem entrando nas aldeias e contaminando os índios brasileiros.

“Os índios não vivem mais isolados; vão às cidades, adquirem hábitos culturais distintos e, sem precaução, acabam adquirindo também doenças infecciosas e transmissíveis”, constata o coordenador do Programa de Aids do Ministério da Saúde, Pedro Chequer. Outra forma de contágio é por meio das invasões de madeiras, garimpeiros e fazendeiros. Os vídeos que estão sendo lançados buscam, entre outras coisas, chamar a atenção para os cuidados a serem tomados para evitar a entrada da doença nas comunidades.

Oitenta por cento dos casos de aids detectados entre os índios foram registrados entre aqueles que não vivem em aldeias – os desaldeados. “O risco que corremos é que os casos passem a ocorrer e a se propagar dentro das tribos”, ressalta Chequer. “O perfil da doença pode modificar-se e a prevenção é a melhor forma de deter o processo.” Na avaliação de Chequer, a aids entre os índios ainda não é uma epidemia e o número de casos vem-se mantendo estável, sem tendência de aumento. De acordo com antropólogos do ministério, o sexo oral e anal não são práticas comuns entre os índios. A propagação se daria principalmente em razão da relação heterossexual.

Tem-se conhecimento de seis casos de aids entre índios que vivem em aldeias. Nessas situações, segundo Chequer, a primeira reação dos índios é de preocupação e pânico. Mas, depois de receberem mais informações, “eles reagem de forma bem mais positiva do que reagiu a população urbana e são favoráveis ao acolhimento nas aldeias”. (R.J.)